ATA DA 11ª SESSÃO ORDINÁRIA
EM 05 DE ABRIL DE 2005

PRESIDENTE : EXMO. SR. MINISTRO PAULO GALLOTTI
SUBPROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA : EXMO. SR. DR. MOACIR MENDES SOUZA
SECRETÁRIO : Bel. ELISEU AUGUSTO NUNES DE SANTANA

Às 14:00 horas, presentes os Exmos. Srs. Ministros NILSON NAVES, HAMILTON CARVALHIDO, PAULO MEDINA e HÉLIO QUAGLIA BARBOSA, foi aberta a sessão.
Lida e não impugnada, foi aprovada a ata da sessão anterior.

P A L A V R A S

O EXMO. SR. MINISTRO PAULO GALLOTTI (PRESIDENTE): Senhores Ministros, registro a presença entre nós de alunos do Colégio Marista de Taguatinga, acompanhados pelos professores Edson José Alves Barbosa e Margareth Rodrigues Gonçalves, em razão do projeto "O Despertar Vocacional Jurídico".
O Coordenador do Projeto é o Sr. Jaime Cipriani, o Palestrante é o Sr. Carlos Magno, e a Monitora é a Sra. Manuara Aparecida Alves de Souza.
É uma alegria muito grande recebê-los nesta Turma. Este Projeto é uma iniciativa do Superior Tribunal de Justiça que tem por finalidade proporcionar aos alunos do curso médio o conhecimento do seu papel e das suas atividades.
O Superior Tribunal de Justiça é composto por trinta e três Juízes. É dividido em três Seções: Direito Público, Direito Privado e Direito Criminal e outras competências. Esta Sexta Turma integra a Terceira Seção, juntamente com a Quinta Turma. As sessões são realizadas com julgamentos coletivos, com a participação de um representante do Ministério Público Federal e a colaboração dos nossos dedicados servidores.
Ao fazer tal registro, mais uma vez, manifesto a alegria de tê-los conosco. Que tenham bom proveito nessa visita.
O EXMO. SR. MINISTRO PAULO GALLOTTI (PRESIDENTE): Senhor Ministro PAULO MEDINA, peço a V. Exa. a gentileza de fazer, em nome dos Juízes integrantes desta Sexta Turma, do Ministério Público e dos servidores que aqui trabalham, o registro do falecimento do Papa João Paulo II.
O EXMO. SR. MINISTRO PAULO MEDINA: Senhores, nos anos 80, acotovelava-se o povo pelas avenidas amplas e praças belas, buscando subir ao Monte das Alterosas. Moços e velhos subiam e estavam a subir para que, sentados ao chão ou deitados na grama, tivessem os olhos para o homem, estando o coração voltado ao Céu. Fez-se silêncio e, de repente, deslocando-se ao púlpito um homem estava a falar. Era o papa. Era João Paulo II. E ele, que, instintivamente, encantava aqui no Mundo quem o pudesse ouvir, mais uma vez emocionava as Alterosas ao divisar a sua Capital Belo Horizonte.
Belo Horizonte foi a voz de comando para que ao povo ele oferecesse as suas palavras, ao povo ele permitisse deliciar o amor do seu coração. E, dentre o povo, acompanhado de Ângela, de meus filhos e de minha mãe, também estava a subir e a acotovelar-me, para que dele, aproximando-me, tal como fazia o povo, sentisse o seu calor, o calor da sua bênção, o calor da sua bondade, o calor da sua afeição.
João Paulo II, o papa da coragem e da paz, o papa do amor e do perdão, a coragem que o fez passar para um mundo adverso, até sem religião, e buscar a aproximação dos povos em luta permanente. A coragem que foi a sua ponte por onde pôde revelar ao mundo o seu perdão quando, vítima de atentado, volta-se a quem o agrediu e, entre as grades, oferece o seu perdão - o papa da coragem e da paz.
A paz que não o fez intimidar ante as potências maiores, diante das violências de governos, mas a paz que está em nós, a paz que se revela em nós para o alto, a paz que busca o caminho mais seguro para o encontro de Deus.
Foi o papa da coragem e da paz, do perdão e do amor, o amor que nos falta hoje, o amor que nos falta agora, o amor que nos falta sempre, o amor que nos torna magistrados, cientes e conscientes do desamor que campeia entre os homens, mas ele foi o exemplo também do amor.

http://bdjur.stj.gov.br

Assim, chamar-lhe-ia o papa da coragem e da paz, o peregrino do amor e do perdão. Ele construiu uma visão magnífica em que as causas sociais nunca perderam o seu comando de voz perante o mundo, onde buscava conter as aflições dos que justamente são os mais aflitos e buscava soerguer do sofrimento maior aqueles mais abandonados. E falava a eles e pedia ao mundo que se voltasse a eles.
Era o papa em defesa das grandes causas sociais, conservador, mas não será útil, não será bom, não será capaz de vicejar para sempre idéias conservadoras, e, embora conservadoras, quando em postulados maiores elas estão fundamentadas? A família, a fé, a vida, opondo-se às facilidades que as normas de hoje estão a acolher, opondo-se, às vezes, à mídia que está a propagar, mas ele se mantém consciente do seu dever de fidelidade às normas que construíram a Igreja de Pedro e de Cristo.
Mas ele vai mais longe. Ele abraçou com amor o mundo, beijando o solo da terra onde estava a aportar. Beijou e emocionou o solo brasileiro. Então, o papa do carinho, da coragem, do perdão, da paz, do amor, da fraternidade, tudo está a enfeixar-lhe as mãos. Mas, o mais extraordinário é o que está a estampar-lhe à face: o sofrimento. Foi o papa do sofrimento.
A gente, às vezes, admira os homens quando estão ativamente a construir, quando visita palestinos e os que lhe são opostos, quando parte para o Iraque e bate na Nação que lhe confronta. Esquecemos, às vezes, de admirar quem se recolhe a sós, na dor, que o mal do tremor está a revelar a sua emoção para mostrar ao mundo o testemunho de que o sofrimento é o caminho maior que nos conduz e nos edifica para Deus e para o céu. E ele sofreu. Face contorcida, dor que se lhe impunha, tremor que se lhe tocava as mãos, mas, prossegue, firmando-se na higidez mental em defesa dos princípios, das normas e das diretrizes da Igreja. Não sei, caros Colegas, se o peregrino da paz lhe seria mais adequado, não sei se o instrumento da coragem lhe seria mais adequado, não sei se a vocação para o amor lhe seria mais adequado, não sei se o espargir do perdão lhe seria mais próprio. Não sei nada disso, porque, para mim, ele deixará ao mundo, ele deixará para cada um de nós, o que outros, em tempos diferentes, deixaram-lhe como legado. Mas deixará mais do que tudo isso e acima de todos, ele deixará a nós a peregrinação pelo mundo na expressão da sua dor.
Penso que se cada um de nós recolhêssemos aos nossos lares, cada um de nós recolhêssemos às nossas igrejas, não importa se sou católico, se sou protestante ou se professo outra religião, o que importa é que se meditarmos que somos mais importantes, não pelos nossos êxitos, mas pela expressão maior de cada um de nós na pequenez que somos pelo corpo, onde está o papa maior? Ao peregrino da paz a vocação para o encontro de povos na coragem em que revela, a interseção do amor e do perdão válidos perante o mundo que a História construiu.
Prefiro lembrá-lo como o Papa da dor, a dor que reconforta, a dor que reconstrói, a dor que, na expressão que nos lega, a dor do mal que o acometera, o mal do tremor. Prefiro lembrar que este homem lega a nós amor, perdão e sofrimento como forma de ascendermos perante o Céu e a Deus.
Assim, Caro Presidente, quero dar força a minha emoção pessoal, a emoção que nos acolhe, dizendo que, para mim, naqueles anos 80, em que vi um papa a empolgar multidões, vejo, hoje, a multidão que chora ao ver um papa que lhes empolgou também pela dor. Assim, espero ter cumprido o dever que me fora cometido por V. Exa., dizendo que faleceu João Paulo II, seguramente mais um santo que está a ocupar as alamedas do Céu.
O EXMO. SR. MINISTRO PAULO GALLOTTI (PRESIDENTE): Senhor Ministro PAULO MEDINA, agradecemos a V. Exa. sua sensibilidade, por sua convicta e profunda formação religiosa, muito bem expressou o profundo pesar pela morte do Papa João Paulo II. As palavras de V. Exa. serão levadas ao conhecimento da Nunciatura Apostólica do Brasil como manifestação formal da Sexta Turma por tão triste acontecimento.

http://bdjur.stj.gov.br

Encerrou-se a sessão às 18:25 horas, tendo sido julgados 7 processos, ficando o julgamento dos demais feitos adiado para a próxima sessão.

Brasília, 05 de abril de 2005.

MINISTRO PAULO GALLOTTI
Presidente da sessão

ELISEU AUGUSTO NUNES DE SANTANA
Secretário